

A RAZÃO

Director e Editor: — LUÍS FILIPE COELHO

SEMANÁRIO REPUBLICANO

N.º 48 do 3.º Ano

Redacção e Administração: — Rua Trindade Coelho, 27

Guimarães, 18 de Dezembro de 1926

Composto e Impresso na Tip. de «A Tradição» — F.A.F.E.

PELA CIDADE

Na rua de Francisco Agra, como de costume, realison-se a romaria das... "passarinhas", sob o patrocínio da milagreira S.ª Luzia.

Largo pequeno, gente a abarrotar, iluminação e música...

Afóra o consólo dos crentes, de resto só encontrões á bruta, piscadelas de namorados e fumo dos assadores de castanhas á mistura com baforadas de vinho...

—Dá-me o "sardão"?

E o "rei da Grécia" lá se encontrava fixe a guardar a barraca contra os assédios da garotada gulosa e ladra—não desaparecessem os doces—, e as lavradeiras, donairas e vermelhas, se mostravam nas suas berrantes saias de "escocéz" e nas suas quinzenas domingueiras, enquanto *elas* estreavam os seus fatos á moda da cidade, calça justa e casaco redondo—a corrente de ouro despertando a gula dos *bem intencionados*...

—Dá-me a "passarinha"?

E o barulho crescia ensurdecedoramente, as castanheiras faziam-nos ouvir os estalidos do sal nos fogareiros—razão do espevitar do lume—, a música executava os demais conhecidos *fox-troters* e os encontrões selvagens expandiam a encoberta desvergonha e desrespeito duma grande parte de gente cidadina...

...Continua sendo muito comentado o desleixo em que se encontra a luz eléctrica por algumas das ruas da cidade e gente há que blasfema contra a incúria dos nossos governadores.

Estranham que uma comissão de vimaranenses venha pedindo donativos para a conclusão do monumento aos "Aviadores", que estão erigindo no monte da Penha. Perguntam-nos da causa que determinou tal resolução e, com franqueza, por melhor informados que estejamos, não temos resposta assim de pronto.

Na séde da Associação Commercial e Industrial, no passado dia 8 effectuou-se uma reunião preparatória para a elaboração do programa dos festejos a realizar a quando do Congresso Eucarístico. Por motivos contrários á nossa vontade não podemos comparecer.

Causou grande impressão a morte do Ex.º Snr. Dr. Adriano Pimenta, illustre director de "O Primeiro de Janeiro", da cidade do Porto.

Pelos centros de cavaco lavra um enorme descontenta-

MAUS PROCESSOS

Há tempos escrevi um artigo em "A Razão" no qual *pretendi* mostrar á "Velha Guarda" e a todos os republicanos que a aplaudem, quão perigoso é, neste momento, o agitar questões entre republicanos. — Disse nesse artigo—disso me lembro bem—que admitia a existencia dos partidos aos quais reconheci o direito sagrado da luta para o seu engrandecimento, quando essa luta fôsse aquilo que, de facto, infelizmente não é; uma luta de princípios apenas.

A "Velha Guarda" respondeu ás minhas considerações concordando com a doutrina por mim defendida, pecando pelos elogios que ás mãos ambas me atirou, não sabendo eu, nem ninguém, de que arte teriam sido arremessadas as pedradas a todos os demais familiares de "A Razão". — Acredita a "Velha Guarda" que eu—apenas eu—sou um bom republicano entre todos os que em "A Razão" há quatro anos trabalham *desinteressadamente* pelo engrandecimento da República. — Embora profundamente reconhecido não devo deixar passar o exagêro, que, por demasiadamente *exagerado*, chega a ser ofensivo.

A lealdade que a "Velha Guarda" me reconhece, obriga-me a declarar que se eu não visse republicanismo, honestidade e brio nesta casa, há muito a teria abandonado com prazer e sem saudades. — E sendo eu a perfeição que a "Velha Guarda" tão artisticamente pinta, como se explica, ou melhor, como me explica a minha estada aqui, entre bons amigos?!

mento pela tomada resolução do Conselho Escolar do nosso Liceu pelo que diz respeito ao conflito havido entre o professor, snr. Goulart Barbosa, e os estudantes, no dia 29.

As referencias são pouco agradaveis para o professor sindicante.

Lêde e propagai

"A RAZÃO"

Na explicação é que está a ofensa.

—Porque sou um parvo, um lórpa, um autêntico gerico que ainda não vi, por cegueira de espirito—se um *asno* a pode ter—, as *féras* que me cercam e as quais não corri ainda com uma soberba roda de pinótes, fugindo *in continente* para junto dos da "Velha Guarda" onde me estaria reservado (sem reservas) um soberbíssimo e ambiciosíssimo logar de... pagem.

Ora eu, valha verdade, não tendo até á data inventado pólvora alguma, não tendo mesmo merecido outros respeitos que não sejam os que a Lei me concede, devo afirmar que ainda me julgo com equilibrio mental suficiente para poder avaliar, sem indicação alguma d'outrem, se as companhias e os *lugares* que a minha vontade escolhe são ou não são dignos de mim. —Mas, adiante.

Isto veio apenas para mostrar á "Velha Guarda" que, embora agradecido, tenho de me confessar maior e vaccinado—gosando e usando (sem abusar) de todas as faculdades e direitos que as leis dos homens e da Natureza me conferem, com toda a Consciencia.

Quiz, no artigo que escrevi, fazer obra útil, obra republicana, obra conciliadora, obra onde não entrasse, como enfeite, a mais humilde pena de pavão...

—De lá, da "Velha Guarda" ripostaram-me com uma série de argumentos *quobrados*, ás ordens, única e exclusivamente, do PARTIDO!

Daí o nosso desacôrdo;

Cabeça de turco

Os da "Velha Guarda" deulhes para embicar com a repartição das Obras da Câmara, servindo-se dela como cabeça de turco para descarregar os seus ataques á Comissão Administrativa.

Façam, muito embora, a sua política, porque só de política se trata, mas não por processo tam anipático e ingrato, indo

daí a razão dêste outro... artigo.

Nesta hora, digo eu—diz todo o republicano equilibrado e honesto—mais que em qualquer outra, a união no seio da família republicana não se recomenda apenas, deve tão somente *impôr-se*.

Manter intangível e isolado, o princípio partidário que se defende, é justo e compreensível. E' incompreensível, porém, a luta irraternal na família republicana quando, d'essa luta, possa sair enlameada e ensanguentada a própria República.

Da "Velha Guarda", jornal republicano, saem, vibrantes, terríveis *facadas* contra republicanos, *facadas* tanto mais cobardes e miseraveis, quando é certo que os esperam nas horas pacificas da noite em que as *últimas* saem da "taberna", a eterna fábrica do vício e... quanta vez (!) o templo sublime da virtude...

—Não! Um republicano honrado, um republicano digno da minha mão, um republicano que se deu voluntariamente á missão de fazer jornal pela República—não posso admitir tamanha *cobardia*.

—Sei eu lá até que ponto poderia ir a defeza do *ébrio*, do *perdido*, se a sua honra, maior que o seu melindre, se o seu brio, maior que o seu despeito, não tivessem a virtude de lhe segredar:

ELES passam e... a caravana passa...

—"Velha Guarda" (!):

MAUS PROCESSOS.

Heitor d'Almeida.

ferir a repartição de funcionários que pecam por trabalharem mais do que aquilo a que são obrigados para poderem dar conta dos serviços de gabinete e de fiscalisação directa das múltiplas obras em andamento. Mais ainda: esses ataques contam, certamente, com a permanente possividade dos atingidos, talvez sem o brio preciso para se defenderem de processos tão ignóbeis de achincalhamento, pretendendo-se assim

: Este numero foi visado :
pela Comissão de Censura

atirar sobre aquela repartição com todas as responsabilidades, até mesmo quando dela se julga prescindir.

Depois, tudo são responsabilidades, muitas responsabilidades, superioridades, muitas superioridades... á razão de vencimentos de capataz.

Mas c'os diabos! ataque-se com a verdade, se a há; mas não se minta ao público a preparar ambiente para as conveniencias politikeiras.

Vejamos:

Retretes, que tantos engulhos tem causado á snr.ª "Velha Guarda".

Fez-se um orçamento para mictórios na R. de Camões, na importância de esc. 6.500\$00, mas devido a razões atendíveis resolveu-se construir ali, ampliando-os, as retretes necessárias, cujo orçamento total ficou em esc. 19.150\$00. Pois, senhores, a "Velha Guarda" juntou, velhacamente, a esta verba mais os esc. 6.500\$00, e como era preciso esticar mais para pacóvio vêr, vâ de arredondar para 30 contos.

Bôcas de incendio, as tais que só ás Companhias de Seguros interessavam (?).

Primeiro projecto, 4.755\$ 00 esc.. Segundo projecto, 7.545\$ esc.. Diferença, esc. 2.610\$00. Lá vinha a "Velha Guarda" a perguntar, talvez por tacanh-z partidária, para onde iriam os restantes 3 contos? Ora! Vão perguntá-lo ao correigionário que as arrematou e que já recebeu a importância devida.

Agora volta á estacada a "Velha Guarda", mentindo mais uma vez, com a informação de que a Comissão Administrativa preferira ao 1.º projecto um outro que custava 7 contos mais, isto é, 11.200\$00, em vez de esc. 7.545\$00.

Obras mal dirigidas. As obras são dirigidas pelos mestres, embora o chefe da repartição das Obras, que só devia fiscalizar o que fôsse mal feito, tenha servido de mestre ao mesmo tempo, no que é tolo. Diz a "Velha Guarda" que se gastaram as padieiras e se tomaram outras precauções, ficando obra porca, mas remediou-se no que dizia respeito á falta de segurança. Pois está claro! Se não fôsse a "Velha Guarda" e que mete o nariz onde não é chamada, antes de se acabarem as obras, aquilo ficava uma porcaria e vinha a casa por aí abaixo...

Valha-nos Deus! Mas se os leitores quiserem observar os gatos nas padieiras, podem ir vêr: nem um para amostra.

Ora pois. É paciencia que é bôa para a vista.

E podem continuar.

Assinaí

"A RAZÃO"

ESPECTÁCULOS

Récita da Academia
; e Orfeão Lusitano :

Para comemorar a gloriosa data do "1." de Dezembro de 1640" a Academia Vimaranesense levou a efeito a sua récita de gala, subindo à scena as peças "O Fura-Vidas" e "D. Beltrão de Figueirôa".

O teatro achava-se engalanado a cuidado e a assistência foi concorrida.

Do desempenho da primeira peça salientaremos Francisco Costa que, embora por vezes fôsse exagerado, contudo conseguiu dar-nos um "fura-vidas" como manda a peça.

D. Custódia Costa soube distinguir-se pela consciência com que representou o papel que lhe coube.

No "D. Beltrão de Figueirôa", afóra a pobreza do cenário; o desempenho foi equilibrado e correcto. Lutando com falta de elementos—motivo que não se explica—o ensaiador e nosso amigo, sr. Jerónimo Sampaio, fez o mais que imaginar se pode.

O Orfeão Lusitano, do Porto, conseguiu impôr-se por todos os modos. Foi um verdadeiro "serão d'arte" e, confessemos-lhe, poucas vezes temos assistido a um espectáculo assim tão completo.

Bela música e soberbo conjunto! A arte não sofreu mutilação alguma na sua essência, antes, pelo contrário, impressionou a nossa sensibilidade e elevou-se nos espiritos dos indifferentes, de tal modo, que todos se curvaram ao perfume da sua harmonia, a sua fala misteriosa e ao seu feiticismo inebriante. Invocaram-se alegrias e dores, sonharam-se venturas sem par e ouviram-se lamentos torturantes—mixto de amor e de infelicidade—nesses cantares *allegros* e moderados que escutamos.

Arquitetaram-se pensamentos novos como redobramos o respeito pelo belo-antigo...

Thrynéa de saudade, a nossa comoção teve origem nas "entremecidas lágrimas", como a alegria experimentada derivou da ligeireza da música moderna... Rezou-se e viveu-se.

A apresentação do grupo coral foi feito pelo Presidente do Orfeão de Guimarães, Ex.^{mo} Sr. Dr. João d'Oliveira Bastos, que, num bem burilado discurso, fez o elogio do canto e o integrou na vida dos povos, apontando-o como elemento determinantor do seu grau de cultura.

Sob a regencia artistica do *maestro* Henrique Salgado, pelo Orfeão foram executados a primôr os seguintes trechos: "Caçadores Tirolêzes" de L. Rillé e com solos cantados pelo sr. Alfredo Possacos, "Malhador" de H. Salgado, "Eterna canção", "Nocturno" de J. Montes, "Beira Mar" de Soutullo e "Rapsódia de Cantos Populares" de H. Salgado e com solos vários.

O *acto de variedades* foi completo e nele tomaram parte as meninas Maria Carolina e Laurinda Fernandes e os snrs. Gastão Mineiro, Artur Mineiro e Hugo da Rocha. Foram muito aplaudidos.

A *comédia* "Quem desenha" teve bom desempenho por parte de Francisco Nobre Junior, Raul Correia e D. Maria Afonso, respectivamente nos papeis de "Eleutério Lopes (mestre-escola)", "Henrique Sampaio" e "Elvira".

CUIDADO!

Já aqui dissemos que era preciso opôr um dique á "organização" monárquica; já aqui apelamos para o patriotismo dos republicanos, de todos os republicanos, que devem combater com todas as armas e em todos os campos os confessados propósitos dos realistas.

Já que o teima em não querer vêr o trabalho de sapa dos inimigos da Republica; para obstar ao novo ataque que os talassas premeditam, estejamos nós á alerta, prontos para novo Monsanto.

Conscios de que nada conseguirão em luta leal, certos de que a Nação os não secunda e apoia nos seus designios, os monárquicos operam na sombra, na vaga esperança de que a surpresa lhes dará o que o direito e a legalidade lhes negam. Sem capacidade para mais, sempre simiescos, dão-se agora a imitar servilmente o fascismo italiano, o terror italiano, o actual regime italiano, como se a terra em que medraram Sylla e Nero pudesse servir de modelo á nossa.

Sempre simiescos, já falam do "fascio" monárquico, do *Espadim Português*, do qual fazem a apologia:

"Com a unidade das nossas legiões... teremos a monarquia".

Perante afirmações desta natureza, feitas nos jornais da *seita*, não basta que qualquer ministro nos venha dizer que o perigo monárquico não existe.

Os republicans tem o direito pleno de exigir mais, de reclamar o immediato afastamento de todos os monárquicos que desempenham cargos de confiança dentro da República.

Republicanos! Contemos com as nossas próprias forças, e não esmoreçamos na defeza da República.

A organização monárquica devemos responder com a nossa organização.

Pela República!

Proposta de Avenças

Todos os contribuintes que não fizeram as suas propostas de avenças referentes ao ano económico de 1926-1927 do imposto de transacção, por ordem superior, podem faze-las immediatamente, devendo serem acompanhadas do respectivo requerimento em papel selado e um selo de 1\$50 fiscal.

Anunciai na
"A RAZÃO"

IMPRESSÕES D'ABEIRA-MAR

Quando vou para a praia vêr o Mar,
A minh'alma tem frêmitos de dôr
Que a contraem e enchem de pavôr
E que são impossíveis de escutar...

Mistérios mil envolvem meu olhar!
Fascino-me perante a bela côr!
E porque tenho a fé do sonhadôr,
Abro o meu peito p'r'ó agasalhar...

E lá dentro, então, gera-se a pa'ção
Que, já de há muito estando abandonada,
Dona foi sempre dêste coração!

E' que a tua revolta costumada,
—O' Már!—é gemer lindo de canção
Que qualquer alma torna enamorada...

1926.

L. COELHO.

Sociedade M. Sarmiento

CONFERÊNCIA
pelo dr. Fidelino de Figueiredo

Como noticiamos em o nosso último número, no passado dia 4 realizou a sua conferencia, o Ex.^{mo} Sr. Dr. Fidelino de Figueiredo, ilustre romancista e consciente investigador.

Pez a apresentação do conferente o Ex.^{mo} Sr. Coronel Duarte do Amaral que lhe enalteceu as qualidades e disse do valor da sua obra.

Dr. Fidelino de Figueiredo agradeceu os elogios que lhe foram dirigidos e disse sentir-se orgulhoso da sua vinda a Guimarães—"a Pátria da Pátria Portuguesa"—pois nenhuma outra terra o impressionára tanto, como também em parte alguma sentira mais o acendrado culto pela terra de Portugal.

Entrando propriamente no assunto da sua conferencia, subordinada ao tema—*Aspecto científico da colonização portuguesa na América*—S. Ex.^{mo} demonstrou que a colonização da grande Pátria-irmã se fez duma maneira conscienciosa e limpa, e não, como o afirmam, pela expatriação de condenados e vândios—lama com que pretendem sujar o nome de Portugal!—referindo-se aos desvelados cuidados do Rei *Magnânimo* por tal empresa e citando os nomes dos cientistas que se arcamam á dura responsabilidade de, por Portugal, tornar bela a rocha virgem que, então, se denominava a "colónia do Brazil". Nem só de penitenciários e de vândios se compunham as primitivas "feitorias", porquanto economistas, matemáticos, astrólogos, artistas e escritores se foram de abalada ás terras de Santa Cruz proclamar as vantagens duma civilização que, sendo bem portuguesa, teria de fazer mais tarde a admiração de todo o mundo.

Verdadeiramente descabida, pois, a acusação de que somos vítimas e imperdoavel insinuação é aquela que silogisaram!...

Do esforço, da abnegação e do sacrificio que dispendemos, bem patentes são os estudos do Dr. Fidelino de Figueiredo.

Tudo verdades indestrutíveis, verdades como punhos, e tão indestrutíveis, que ninguém osará apresentar contra-provas ou desfazer o raio de luz que clareou o espírito ávido duma desforra.

—A assistência premeou bem o seu valoroso trabalho.

GAZETILHA

Nem só S. Sebastião
Sofreu tormentos, horrores,
Sêitadas por sêr cristão...
—Eu tenho, caros leitores,
Os golpes dos meus
Cravados no coração.

E porquê?! Por sêr eu um santo
Nêste mundo endiabrado?!
—Não confiem assim tanto...
Eu sou um bem humorado
E, rindo despreocupado,
Descubro "a verdade o manto".

Mas...—os leitores ajuizem
Da minha culpa cruel—
(Por 'star debaixo não pizem...)
—Eu 'screvi sôbre um papel
Verdades... (talvês com fêl)...
Verdades que se não dizem.

Contrito, pois porque não (!)
Eu me arrependo, cersôres,
Do meu crime. O coração
Que me rebenta de amôres,
Traz-me hoje, caros leitores,
Aos beijar a mão.

PIRILAU.

EDITAL

Julio Pereira Machado,
Capitão do Exército e Administrador do concelho de Guimarães;

Faz saber que, tendo sido apresentado nesta administração do concelho um requerimento e mais documentos, em que Augusto Fernandes, da povoação das Taipas, freguesia de Caldelas, dêste concelho, pede a concessão de licença para o estabelecimento de uma oficina exclusivamente destinada a preparações pirotécnicas, artificios de fôgo e foguetes, nos termos do art.º 11.º do Regulamento Sobre Substâncias Explosivas de 29 de Fevereiro de 1916, e, como êste estabelecimento esteja incluído na tabela A, anexa ao mesmo regulamento, com os inconvenientes de "perigo de explosão e incêndio", são por esta forma convidadas as autoridades públicas, os médicos, os industriais ou qualquer interessado a apresentar as suas reclamações, por escrito, nesta administração do concelho, no pra-

so de trinta dias, contra o projectado estabelecimento Para constar se passou o presente edital e outros de igual teor, que vão ser afixados nos logares determinados no § 1.º do art.º 14.º do citado regulamento.

Guimarães, Administração do concelho, 7 de Dezembro de 1926. E eu José Fernandes Ribeiro Gomes, secretário, o subscrevi.

Julio Pereira Machado.

Câmara Municipal de Guimarães

AVISO

Estando em pleno vigor a tabela dos impostos municipais, aprovada em sessão extraordinaria de 8 de Agosto de 1924, pela qual são contribuidos todos os cidadãos com estabelecimentos de comércio e indústria, nesta cidade e concelho, com a denominação de "Licenças para exercício de Comércio e Indústria", avisa-se o público de todo êste concelho, de que as licenças tem de ser requeridas durante o próximo mês de Janeiro de 1927, e pagas durante o mês de Março do mesmo ano.

CAPÍTULO 5.º
PENALIDADES
ARTIGO 11.º

Fica sujeito á multa de 10\$00 escudos a falta de pagamento das taxas anuais á que se refere o artigo 1.º, que será tantas vezes aplicada quantos os dias que decorrerem sem licença.

E para que ninguém alegue ignorância se publica o presente e outros de igual teor nos lugares do costume e em todas as freguezias dêste concelho.

Guimarães, 14 de Dezembro de 1926.

O Presidente da Comissão Administrativa,

Duarte Ferrêri de Gusmão
Sousa Fraga.

Imposto de transacção

Está em pagamento na Tesouraria da Fazenda Pública o 3.º trimestre do imposto de transacção, por meio de avenças, durante o mês corrente, sendo cobrados juros de móra os que só pagarem de 1 a 15 de Janeiro. Depois dêste praso será relaxado.

—São prevenidos os que ainda não pagaram o imposto de transacção por meio de livro dos anos de 1922 a 1925, de que devem comparecer na Repartição de Finanças para efectuarem o respectivo pagamento, durante o corrente mês.

No dia 2 de Janeiro será relaxado tudo que não estipago, nas condições indicadas.